

A EXPERIÊNCIA DEGRADADA

FLORISA de Lourdes BRITO

A História da humanidade, longe de formar um quadro perfeitamente elaborado, compõe-se de uma imensurável diversidade, segundo os tempos e os lugares: línguas, saberes, costumes, tão díspares e tão sujeitos a mudança; e mesmo as disparidades e as alterações sofrem a interferência de inúmeros fatores, sejam relativamente contínuos ou abruptos, de tal maneira que não obedecem a fórmulas, escalas, medidas. Assim, o mundo se diferencia aqui e alhures, bem como no decorrer do tempo. No entanto, também as semelhanças são abundantes e, muitas vezes, surpreendentes.

Ao me deparar com um ensaio intitulado “Experiência e pobreza”¹, publicado em 1933 por Walter Benjamin, filósofo alemão, surpreendo-me com as semelhanças entre as transformações culturais apontadas pelo autor, e as que se notam, algumas décadas mais tarde, em nossa sociedade; transformações análogas, emergindo de tempo e espaço distintos. O texto fala de um empobrecimento, de uma desvalorização da experiência; tanto em relação às experiências privadas, quanto às experiências da humanidade em geral.

O autor introduz o tema da seguinte forma: “Em nossos livros de leitura, havia a fábula do velho homem que, em seu leito de morte”, convence a seus filhos de que existe um tesouro escondido em sua plantação de uvas, e que teriam que cavar para encontrá-lo. Após exaustivas escavações, nada encontraram. Porém, tendo chegado a época de frutificar, a vinha produziu mais do que qualquer outra da região. Então, eles compreenderam que o legado que o pai lhes deixara era uma experiência: “a bênção não se encontra no ouro, mas no trabalho”.

Ao afirmar que “havia” a fábula, e não que “há”, o autor deixa subentendido que essa prática já ficara no passado; como, de fato, explicita no decorrer do texto. O filósofo considera como as experiências eram habitualmente transmitidas, de geração a geração, contadas pelos mais velhos aos mais jovens, muitas vezes por meio de provérbios e histórias; e como se reconhecia socialmente a autoridade da experiência. Entendia-se perfeitamente o que era a experiência, acatada sem questionamento, tida como legítima; não só a que os mais velhos transmitiam, em tom amável ou ameaçador, mas também a que ostentavam sem maiores explicações ou justificativas; ou mesmo a que se presumia com base na idade.

Em nossa sociedade, esses costumes podiam ser testemunhados até o final da década de 1960, pelo menos. Pode ser que já estivessem em declínio, e que sua prática fosse restrita a determinados ambientes, nos quais as transformações ocorriam mais lentamente; mas ainda existiam. Provavelmente já não eram tão reconhecidos socialmente quanto haviam sido em tempos anteriores. Mas as fábulas, e especialmente os provérbios, tinham seu espaço nas conversas cotidianas. E os mais jovens costumavam acatar o que era determinado pelos mais velhos, aguardando o seu tempo de também poder apoiar-se no argumento de sua própria experiência de vida. Entre os provérbios que davam sustentação à própria hierarquia com base na idade (embora podendo abranger outras aplicações), pode-se citar aquele que diz que não se deve “passar o carro na frente dos bois”; ou “o burro na frente da carroça”.

¹ Leitura a partir da tradução em francês por Cédric Cohen Skalli, com o título *Expérience et pauvreté*.

Walter Benjamin observa que ocorreu uma desvalorização da prática social de transmitir experiências, a partir da geração que viveu a terrível experiência da Primeira Guerra Mundial; questiona se as pessoas teriam saído “mudas” da guerra, dado o empobrecimento que se verificou quanto às experiências comunicáveis; pois se tornaram mais pobres, e não mais ricas nessas experiências. Segundo a análise do autor, o poder de destruição, ostentado mediante o uso da técnica, provocou uma espécie de desmentido em relação às crenças e aos valores anteriormente sustentados, e um aniquilamento da imagem do ser humano, que se viu insignificante e frágil, diante da mudança que nada poupava.

A mesma desvalorização ocorreu em nossa sociedade, que não sofreu o impacto direto da destruição; o que poderia sugerir um equívoco na análise de Benjamin sobre o que teria causado tal transformação. Entretanto, os efeitos da guerra também nos atingiram de várias maneiras; até mesmo quanto à evolução da técnica, que não se restringiu aos instrumentos de destruição nem aos países envolvidos diretamente no conflito. Sendo assim, é possível supor que o efeito de desmentido (das crenças e dos valores anteriores) tenha se produzido igualmente aqui, na medida em que tomamos conhecimento dos horrores da guerra; como é possível pensar, também, que as transformações aqui tenham ocorrido por assimilação daquelas ocorridas nos países atingidos pela guerra. Em qualquer caso, não deixa de fazer sentido a causa apontada pelo autor para essas mudanças radicais e com forte caráter de rejeição ao passado, de ruptura, de descontinuidade.

Inversamente ao empobrecimento das experiências comunicáveis, o filósofo assinala que ocorreu um enriquecimento opressor de ideias que invadem as pessoas, ou delas se apossam, veiculando novas teorias, novas crenças e provocando, não um despertar verdadeiro, mas uma “galvanização”, no sentido de reanimação; o que ele interpreta como uma pobreza totalmente nova. Aponta uma mixórdia de estilos e pontos de vista no século XIX; e considera que esse estado de coisas não concerne apenas às experiências pessoais, mas àquelas da humanidade em geral, conduzindo a um novo tipo de barbárie, com um sentido positivo.

Não há dúvida que a humanidade sempre se encontra em processo histórico de transformação: muitas vezes evoluindo para melhor, outras vezes nem tanto, ou pelo menos não sob todos os aspectos; umas vezes de forma menos perceptível e outras vezes com impactos estrondosos. Todavia, o que chama a atenção nesse processo de transformação abordado no texto, e reconhecível em nossa própria sociedade, é a forte impressão de descontinuidade, de rompimento com o passado; como se fosse verdadeiramente possível recomeçar do zero. Trata-se de um processo há muito desencadeado, mas em pleno vigor, que abrange tanto a esfera individual quanto a coletiva. Parece haver uma compulsão generalizada por mudar, por substituir o antigo pelo novo, como se a mudança em si mesma fosse garantia de algo melhor; como se tudo que é anterior tivesse, por definição, menos valor. No entanto, se esse princípio é válido quanto a determinados produtos, que têm sido continuamente aperfeiçoados, não passa de um equívoco em muitos outros casos.

Essa nova barbárie, cujo conceito é introduzido pelo autor, consiste em “recomeçar depois do início: recomeçar de novo, safar-se com pouco, reconstruir com pouco, sem olhar nem à direita nem à esquerda”. Benjamin observa que sempre houve, entre os grandes

espíritos criadores, os que fazem, antes de tudo, *tabula rasa* dos conhecimentos precedentes: como Descartes, na filosofia; e Einstein, na física. E acrescenta que foi essa mesma ideia que passou a nortear artistas como os cubistas, por exemplo, levando-os a rejeitar tudo que havia sido feito até então. Não se trata, segundo o autor, de aspirar a uma nova experiência, mas de querer liberar-se da experiência.

Atentando para a profusão de expressões artísticas em nossa sociedade contemporânea, muitas vezes me pergunto: se isso também é arte, em que consiste, afinal, a arte? Na música, por exemplo, diante de certos estilos, surge a dúvida: por que isso é chamado de música? Não se trata, aqui, de sacralizar o antigo ou de aspirar à estagnação. O surgimento de algo novo, bem como o aprimoramento do existente, constitui a evolução; prosseguir na direção do melhor, inclusive em termos de diversidade. Em grande escala, representa um enriquecimento do patrimônio da humanidade; um acréscimo, por inovação ou por transformação. A questão é: perdemos o direito ao senso crítico? Não podemos mais separar alhos de bugalhos?

Ao longo da História, em épocas anteriores, quantas vezes uma brilhante inovação (teórica, artística...) foi recebida com hostilidade ou desprezo, e apenas posteriormente teve reconhecida a sua importância; devido ao apego injustificado às formas já estabelecidas; um preconceito em relação à novidade. Esse tipo de atitude, com certeza, provocou muitos atrasos na evolução do mundo; emperrava o enriquecimento da experiência da humanidade. Em nosso tempo, porém, parece ter havido uma inversão do preconceito, pois o novo é visto, de maneira generalizada, como sendo melhor, por princípio; enquanto o antigo é descartado facilmente, nem sempre por motivos plausíveis. Assim acontece em relação a coisas, teorias, crenças, hábitos, relacionamentos; abrange tanto atitudes individuais quanto o comportamento coletivo.

Essa tendência alimenta uma transformação que Walter Benjamin denomina empobrecimento (por desvalorização) da experiência. Não é difícil perceber a lógica desse empobrecimento. Por um lado, um patrimônio anterior é dispensado: primeiro passo para o empobrecimento, por renúncia, por rejeição. Por outro lado, a novidade passa a desfrutar de uma espécie de aprovação prévia. Este é o segundo passo para o empobrecimento, pois, como serve qualquer coisa, tendo em vista que o enfoque é a novidade, fica prejudicada a capacidade de escolha, que deveria valer-se de critérios para análise; e fica prejudicado o próprio trabalho de criação, tendo em vista a grande possibilidade de aceitação sem critérios, ainda que possa ser uma aceitação efêmera. Ou seja, não há por que perder tempo aperfeiçoando, pois o que importa é oferecer rapidamente algo passável; e sucessivamente, pois a obsolescência inevitável exige a constante substituição.

Situação análoga é a transformação que se deu relativamente à experiência que os mais velhos transmitiam aos mais jovens, com suas histórias, provérbios, recomendações, censuras. Em pouco tempo, houve uma reviravolta: o que antes desfrutava de uma autoridade reconhecida socialmente, tornou-se rapidamente algo irrelevante, superado, por que não, ridículo. E quanto à hierarquia de poder, inverteu-se drasticamente. A experiência dos mais velhos perdeu autoridade; a juventude, e mesmo a infância, passou a ditar as regras, ainda que, geralmente, de maneira implícita, por meio de comportamentos e atitudes. Considero

que, por um lado, aquela autoridade inquestionável dos mais velhos, frequentemente, provocava distorções e absurdos; atuando unilateralmente, desqualificava a participação dos mais jovens, que poderia contribuir para acelerar o enriquecimento da experiência. Por outro lado, com os mais jovens tomando a frente, e com atitude de descaso pelas experiências dos mais velhos, o processo altera-se: de um enriquecimento lento, não acelerado, do estilo anterior, para um empobrecimento, que decorre do desprezo em relação aos aprendizados acumulados por sucessivas gerações; desprezo que, em última análise, leva a repetir equívocos já cometidos no passado, e já identificados como tal.

Na esfera coletiva como na individual, o que se nota é que o ser humano passou, bruscamente, de uma perspectiva de sacralização do antigo, que criava obstáculos à contribuição do novo, para um culto fanático ao novo, que impõe a ruptura com o antigo; e ruptura contínua, pois cada novo envelhece muito rapidamente, torna-se obsoleto e é condenado à substituição.

De acordo com o texto, nas mais diversas áreas, percebem-se os reflexos da ruptura: linguagem, literatura, arquitetura; no emprego de materiais como o vidro e o aço. O autor ressalta que não é por acaso que o vidro é um material tão duro e liso, em que nada pode fixar-se, sendo também frio e sóbrio. Assinala que, também no romance, verifica-se uma rejeição à imagem tradicional, solene e nobre do homem, na busca do homem contemporâneo, despido de todos aqueles dons cultuados no passado. O autor considera ainda que a própria linguagem se transforma – não só a literária, mas também a linguagem comum – buscando menos propriamente descrever a realidade que mobilizar-se para transformá-la.

Nesse panorama, segundo o texto, surgem também os que se propõem a explicar o porquê dessa nova barbárie, afirmando tratar-se de desilusão total com a época anterior e reivindicação irrestrita da atual. Entretanto, o autor questiona se seriam adeptos de uma nova pobreza, e propõe uma comparação que talvez pudesse dizer mais do que a teoria diz. Fala de uma casa burguesa dos anos 1880, em que parece não haver nada a acrescentar, pois tudo foi devidamente providenciado, arrumado, enfeitado, e em tudo se vê as marcas de seu habitante; e esse interior acaba obrigando o morador a um grande número de hábitos, mais convenientes ao interior do que a ele mesmo. Compara ao estilo de residência que foi substituindo aquele, no contexto dessa nova barbárie: caracteriza-se pela simplificação e pela impessoalidade, sendo muito empregados o vidro e o aço, materiais que, por sua natureza, não são propícios a marcas pessoais. Essa transformação, segundo Benjamin, não demonstra que o homem busque uma nova experiência, mas que ele pretende libertar-se da experiência, ostentando uma pobreza exterior e também interior. E não se trata de ignorância quanto à cultura e aos homens, mas de um sentimento de fastio e de cansaço quanto a eles.

O autor ilustra suas considerações mencionando o personagem Mickey Mouse, cujo sucesso atribui ao fato de possuir uma existência repleta de milagres, que, além de não depender da técnica, zomba dela. Uma existência em que tudo se realiza sem depender de máquinas, por improviso e a partir de qualquer coisa: seu próprio corpo, um perseguidor, uma nuvem, uma árvore e assim por diante. Cansadas das intermináveis complicações do cotidiano,

as pessoas sonham com uma existência de Mickey Mouse: simples, confortável, mágica, autossuficiente e, portanto, libertadora.

De acordo com o filósofo, tornamo-nos pobres, ao sacrificar, após cada situação extrema, o patrimônio da humanidade, vendido ao irrisório preço do “atual”. Convivemos com o medo da crise econômica e, pior, da guerra. Sustentar-se cabe a uns poucos poderosos, não mais humanos que a multidão e, na maioria das vezes, mais bárbaros, mas não no bom sentido. Enquanto isso, os outros devem se adaptar, buscar, com poucos meios, um novo recomeço, como os homens “que fizeram da renovação total seu negócio e o fundaram sobre a inteligência e a renúncia”. O autor afirma que esse novo comportamento expressa uma luta da humanidade no sentido de sobreviver, se for o caso, até à própria cultura. E observa que o mais importante é que faz isso rindo, um riso que soa possivelmente como um riso bárbaro.

Neste aspecto específico, do riso, ousou acrescentar, à observação de Benjamin, que não se trata de um elemento acessório, mas de uma condição para a adequação do indivíduo à sociedade contemporânea: é impressionante como a alegria, melhor dizendo, a felicidade tornou-se um mito de nossa época. Não ser feliz (ou não estar feliz) é indesculpável, pois o espetáculo da felicidade não pode ser ofuscado. Felicidade que se entende cada vez mais num sentido superficial, basicamente, de divertimento descomprometido e o mais ininterrupto possível.

Penso no que diria Walter Benjamin oito décadas depois, diante do estonteante avanço tecnológico, que potencializou os efeitos das transformações culturais, acelerando o processo em curso. Os rumos não parecem ter sido alterados. A existência de Mickey Mouse parece cada vez mais real, com as ferramentas “mágicas” da tecnologia. E as experiências pessoais tornam-se cada vez mais efêmeras: contabilizam-se “amigos” nas redes sociais; ostenta-se quantidade de “seguidores” virtuais. Pessoas de todas as idades, conectadas, tornam-se cada vez mais indisponíveis para contatos pessoais ou contatos virtuais de melhor qualidade, nos quais se estabeleça interação autêntica. A tecnologia multiplica as possibilidades de comunicação; no entanto, eu me pergunto quanto de tudo isso é comunicação, e quanto não passa de um disfarce, de um entorpecimento para não nos lembrarmos de como estamos distanciados uns dos outros, e solitários.

Vejo que o homem contemporâneo, decepcionado com o modelo anterior, em vez de buscar corrigir os erros, erra na direção oposta, rejeitando o patrimônio anteriormente conquistado; em vez de aproveitar o que há de valioso nesse patrimônio; em vez de rejeitar criteriosamente o que merece ser rejeitado; e de prosseguir no aprimoramento da experiência humana. Esperemos que, no próximo ciclo de transformações, a humanidade saiba garimpar em épocas anteriores o que elas oferecem de precioso; saiba valorizar as conquistas alcançadas em todas as áreas, fazendo bom uso delas, em prol do aprimoramento da experiência humana; inclusive no que concerne aos avanços tecnológicos.

Walter Benjamin, malgrado o seu desapontamento diante da tendência ao empobrecimento do patrimônio da humanidade, conclui expressando a esperança de que, de vez em quando, o indivíduo possa conceder um pouco de humanidade a essa massa, para receber de volta, com juros, o que ofereceu. Compactuo com o autor. Por ínfimo que pareça um indivíduo diante do peso massacrante desse rolo compressor, dessa massa que pretende

mantê-lo na insignificância, na mesmice, potenciais adormecidos nunca cessam de despertar. Gotas de humanidade respingam aqui e alhures... e a superfície fria da massa desumanizada, eventualmente, interrompe sua inércia.

#####

Referência Bibliográfica:

BENJAMIN, Walter. Éxperience et pauvreté. In: **Éxperience et pauvreté**: suivi de Le conteur et La tâche du traducteur. Tradução do alemão por Cédric Cohen Skalli. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2011. p. 35-49.